

BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). Literatura mineira: trezentos anos. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2020.

O país das Minas: Minas são muitas, são trezentas

RATTI, Paulo Henrique Ribeiro¹
TOLENTINO, Eliana da Conceição²

Pelos Gerais abrem-se cortinas vermelhas para mirarmos os labirintos, emaranhados, imagens-cipoais, das Minas: quem dirige é o Tempo. A ocasião é a de celebração do tricentenário da formação da Capitania das Minas Gerais, o espetáculo é uma mostra do patrimônio literário produzido pelos mineiros nestes trezentos anos e sua inscrição abissal na literatura brasileira. Idealizada por Rogério Faria Tavares e organizada por Jacyntho Lins Brandão, sob a norteadora perspectiva da diversidade, *Literatura mineira: trezentos anos* coloca-nos em centros e margens de múltiplos quadros dispostos por um tempo eximido de regulações cronológicas.

Os trinta ensaios que compõem a antologia encontram-se divididos em duas partes, entre estudos temáticos e escritores representativos, e organizados por ordem alfabética de seus colaboradores. A organização não cronológica dos capítulos, afinal, não se trata de uma história da literatura de Minas Gerais, indica-nos que não há uma ordem do tempo destes trezentos anos, mas uma conjunção. Apropriando-nos de algumas postulações de Andrei Tarkovski (1998), consideramos que, nesta antologia, cada ensaísta é um escultor de um bloco de tempo, o qual contém em si um período de tempo desses três séculos de Minas Gerais. Assim, como nosso Antônio Francisco Lisboa tomava um bloco de pedra-sabão e subtraía deste o que não precisava para compor sua escultura, o ensaísta modela seu bloco de tempo de acordo com seus intentos composicionais. Podemos também conceber, metaforicamente, *Literatura mineira: trezentos anos* como a área geográfica do Estado de Minas Gerais, desse modo, o conjunto ensaístico

¹ Universidade Federal de São João del-Rei - Graduando em Letras - phratti@live.com

² Universidade Federal de São João del-Rei - Doutora em Literatura Comparada - elianat@ufsj.edu.br
Gláuks: Revista de Letras e Artes- jul-dez,2022-ISSN: 2318-7131-vol.22, nº 3

guarda em si mapas, de distintas configurações, dos territórios mineiros que se forqueam. Não estando os ensaios dispostos por cronologia, somos capazes de traçar nossas próprias rotas, optando por diferentes direções. Os mapas contornam muitas Minas, nas quais notáveis personagens da literatura e da história mineiras desfilam perante nós. Vislumbremos, brevemente, alguns trechos.

Na imensidão das matas e montes, da paisagem de “caminhos intratáveis”, encontra-se o poeta “desterrado” das Minas Gerais, trajando a indumentária de um pastor neoclássico. O país das Minas é selvagem (WERKEMA, 2020). De acordo com Andréa Sirihal Werkema (2020), nesse período, no qual não há uma separação entre vida intelectual, esfera pública e sociabilidade, Cláudio Manuel da Costa será marcado, afetiva e intelectualmente, por sua dupla lealdade à colônia e à metrópole, lugares de seu nascimento e referência, respectivamente enquanto homem de seu tempo. Aliás, mesmo sem perceber, conforme assevera Sérgio Alcides (2020, p. 225), “a literatura que se escreve e que circula nas margens da tradição não se desvencilha fácil de um emaranhado mundano, ainda que aspire por vezes à isenção mais elevada”. É neste sentido que a literatura mineira no período colonial possui dois gumes. Consequentemente, a lírica do nosso poeta, “árcade envenenada pela experiência colonial”, é dupla: corta pela melancolia e pessimismo frente à existência, e também corta pelos interesses locais e vontades políticas. É uma poesia melancólica e de teor localista. No contexto da Inconfidência Mineira, em 1789, em Vila Rica, hoje Ouro Preto, finda-se, fisicamente, a vida de nosso pastor (WERKEMA, 2020), “referência, a um só tempo, de melancolia e conhecimento, de condição solitária do sujeito do conhecimento” (OLIVEIRA, 2020, p. 284).

À nossa espera, “encerrado entre montanhas mineiras” e névoas, está Alphonsus de Guimaraens, o “solitário de Mariana”. O país das Minas é sombrio e solitário. Segundo Anelito de Oliveira (2020, p. 283), “a obscuridade, plenamente perceptível no gesto escultórico do barroco de Aleijadinho (...), revela-se também nas obras de Cláudio Manuel da Costa, Alphonsus Guimaraens, Carlos Drummond de Andrade”, entre outros. Anelito de Oliveira (2020) destaca-nos a qualidade discursiva das obras destes autores, as quais estão unificadas pela obscuridade, respeitados seus elementos individuais, e ressalta-nos que essa obscuridade, que não é a da representação propriamente dita ou a da expressão, “constitui no plano do discurso verbal, um índice de proximidade profunda entre sujeito e espaço, denúncia de um elo

material”. Neste sentido, podemos compreender que Alphonsus e o seu fazer poético estão atravessados “pela presença-ausência de uma sombra, por uma imagem estranha-familiar, (...) que pode ser entendida como o lugar-Minas”, onde o sino canta, clama e chora em lúgubres resposos: “Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!”. Mariana, que para Alphonsus é “referência de fundamento material, de um espaço objetivo ao qual o sujeito se define dialeticamente como histórico”, definição esta que se dá “pela via da localização geográfica, referência metonímica da qual uma totalidade, toda uma vastidão territorial, (...) pode transparecer, tornar-se mundo” (OLIVEIRA, 2020, p. 286), leva-nos a Itabira de “Confidência do Itabirano”.

Imerso pela atmosfera fêrrica, “entre a aceitação e negação de sentimentos geográficos”, acha-se o poeta “gauche”. O país das Minas é o mundo. Como sublinhado por Mário de Andrade (2002), em *Sentimento do mundo*, Carlos Drummond de Andrade, “sem nada a perder do seu individualismo, além da dor do indivíduo, junto com ela, dentro dela, sofre da humana dor” (apud ROSA, 2020, p. 388). Em concordância com o escritor paulistano, Mário Alex Rosa (2020, p. 388) atesta que a obra drummondiana supracitada, de fato, “é um livro que carrega tantas dores de um mundo em guerra, mas cabe também espaço para uma dor, digamos, particular, uma confissão que definitivamente marcaria o poeta.” Nosso caminho até aqui parece-nos mostrar que “história e poesia se amalgamam em muitos momentos, sem que isso implique necessariamente um ato deliberado” dos nossos poetas.

Em suma, *Literatura mineira: trezentos anos* é um mosaico da literatura produzida pelos mineiros. Exatamente por não se tratar de uma história da literatura de Minas Gerais, a antologia possibilita ao leitor traçar seus trajetos de muitas maneiras, de forma a contemplar Minas e mineiros, diversos. O país das Minas é de Bárbara Heliodora e Beatriz Brandão. O país das Minas é de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo. O país das Minas é de Henriqueta Lisboa e Laís Corrêa de Araújo. O país das Minas é de Maura Lopes Cançado e Ana Maria Gonçalves. O país das Minas é de muitas. Aqui, apresentamos apenas algumas rotas, as quais juntas formam um dos fios, capturado aleatoriamente, que entrelaçam a tessitura emaranhada desta obra espetacular.

Referências

BRANDÃO, Jacyntho Lins (org.). **Literatura mineira: trezentos anos**. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2020.

TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.